



MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

Larissa Schelbauer²
Matheus de Freitas Brandão³

RESUMO

A Modernidade foi uma construção racional que pretendia eliminar as incertezas que causavam medo e, criar um mundo perfeito baseado na ordem e objetividade. Para isso, contou com a aliança entre a política e os homens de conhecimento sendo que, através desta produziu as suas maravilhas e seus horrores, explica Zygmunt Bauman. Pela leitura das obras deste autor este trabalho relata as principais características Modernas que auxiliaram na construção da sociedade líquido-moderna e que geraram seu próprio mal-estar. Apresenta-se ainda uma nova forma de compreender o homem contemporâneo.

Palavras-chave: Modernidade; Racionalidade; Legisladores; Sobreviventes.

“Riqueza privada, miséria pública”⁴

Vive-se em uma época de incertezas constantes em meio ao excesso de informações. A aceleração das mudanças culturais, a volatilidade e dissolução da vida íntima, a corrosão de conceitos, a crise aguda e progressiva do amor romântico, a marketização dos processos de vida, a coisificação pelo consumo e a biologização da subjetividade, entre outras características, deixam um rastro de desamparo e desorientação ética e intelectual. O sujeito está em crise e sua subjetividade cada vez mais empobrecida. Nestas condições, a busca ansiosa pelo discurso do especialista vem ganhando espaço, assim como um possível “reencantamento” religioso (BAUMAN, 2004; LIPOVETSKY, 2007; MORIN, 2011).

Todos estes aspectos levaram alguns pensadores a conceituar a época contemporânea como de desencanto e secularização (BAUMAN, 2004); ou a caminho do abismo (MORIN, 2011) ou ainda, de era do vazio e da felicidade paradoxal (LIPOVETSKY, 2007). Independentemente dos termos utilizados para caracterizar esse período, os três autores apresentam certo pessimismo ao pensar em relação ao futuro da civilização.

¹ Artigo de conclusão do curso de Psicologia, Faculdade Guairacá, 2012.

² Graduação em psicologia pela Faculdade de Guairacá, Brasil

³ Mestrado em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Brasil(2010)

⁴ Regra de Galbraith

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

As mudanças históricas da sociedade de produtores para a de consumidores, o império das marcas e do luxo, e o método científico adotado, são apontados como alguns dos responsáveis pelo atual estágio da sociedade líquido-moderna. Destes, o que interessa primordialmente a essa pesquisa é o terceiro, afinal, este último que prometia levar conhecimento às pessoas e pavimentar o caminho para o progresso, por fim, ajudou a conduzir as sociedades ocidentais ao caos contemporâneo (BAUMAN, 1987/2011).

Assim, compreender como o método científico contribuiu para a manutenção e criação dos mal-estares contemporâneos é o objetivo principal deste trabalho. Para atingi-lo, optou-se por fazer um resgate histórico das transformações ocorridas desde a era Pré-Moderna até os dias atuais pelo ponto de vista de Zygmunt Bauman. Para a discussão dos mal-estares contemporâneos apresentam-se ainda contribuições de outros autores contemporâneos sobre o tema.

O fato de Bauman encaixar o desenvolvimento científico em sua visão de Modernidade e Modernidade-líquida aliada a ideia de que em toda extensão de sua sociologia, se mantém a defesa da liberdade, da igualdade e da emancipação com vistas ao desenvolvimento de uma sociedade que pudesse ser adjetivada como boa (SCOTT, 2009), fez com que se tornasse o autor principal utilizado nesta pesquisa.

Entender como a sociedade ocidental criou seus próprios mal-estares implica em recuperar sua história e, através desta recuperação pode-se produzir uma transformação decisiva da imagem de ciência que atualmente domina o ser humano (KUHN, 2006). No mais, compreender algo que compõe o mundo pode ajudar a identificar possíveis equívocos, falhas e repetições que podem ser reformuladas e ajudar na transformação social.

A Modernidade foi construída sob uma autoilusão que lhe fornecia autoconfiança. Para chegar a tão sonhada sociedade ideal, o projeto civilizador construído pelos intelectuais modernos e posto em prática pelo Estado, necessitava de valores e normas que se estabelecessem de forma demonstrável acima de toda e qualquer tradição local e, que pudesse ser universalizante como um padrão a ser seguido pelo resto do mundo (BAUMAN, 1991/1999).

Nesse caminho, valores, ideais e pessoas precisavam ser quantificados, dessubjetivados, e foram. A ciência moderna, em sua prática tentou eliminar tudo que estivesse no percurso que pudesse impedir a realização da tão sonhada sociedade ordenada racionalmente e, por esta qualidade considerada superior. Assim, apresenta-se inicialmente a construção da Modernidade como uma tentativa de dissipar as incertezas através da ordem e do controle, que por sua vez, gerava outras incertezas equivalentes ou ainda mais ansiogênicas. Apresenta-se este projeto fracassado como um projeto racional e legitimador, guiado por legisladores instruídos e embasados cientificamente. As consequências modernas dessa autoilusão, suas lições, e a construção de um novo modo de ser do homem contemporâneo também são apresentadas. Para concluir, revê-se o histórico da prática científica, suas implicações e o novo papel oferecido aos intelectuais contemporâneos.

1. A EVOLUÇÃO: DE MEDOS PRIMITIVOS A MEDOS ARTIFICIAIS MODERNOS

Durante toda a evolução humana, a sensação de medo sempre esteve presente e, sempre se tentou algo para amenizá-la. O homem primitivo tinha medo das incertezas da

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

luta pela vida, pois a falta de controle sobre tantas incógnitas lhe causava um desconforto espiritual agudo. Este homem desejava a segurança que o controle prático, que uma consciência intelectual, lhe pudesse fornecer (RODIN, *apud* BAUMAN, 1987). Na época, os formuladores da religião, magos e xamãs representavam esta consciência intelectual a qual tanto o homem primitivo necessitava. Entretanto, esses formuladores logo perceberam que quanto maiores fossem as incertezas do homem primitivo, maior seria a força da dependência deste em relação ao conhecimento que possuíam e, conseqüentemente, maior o poder que tinham sobre o controle social.

Em outras palavras, as incertezas começaram a ser manipuladas, de modo que pudessem gerar certo conforto existencial, mas também outras incertezas. Produzindo um sentimento de incapacidade no indivíduo para conduzir a si mesmo, estes *experts* mantinham seu *status* e dominavam⁵ socialmente. E, desta maneira, estes dominadores ainda podiam justificar sua dominação por esta ser exercida em benefício dos dominados (poder pastoral), pelos interesses destes indivíduos que careciam do conhecimento e/ou dos recursos para sua aplicação em atos (BAUMAN, 1987/2011).

Por muito tempo, esta relação dominadores/dominados conseguiu amenizar as incertezas através de uma explicação religiosa. Entretanto a idade média, fez com que tudo tivesse de ser revisto. No limiar da era Moderna, o medo retomava sua posição de destaque. Havia medo o tempo todo e em toda parte, desde o medo básico e primitivo da morte, da natureza indomada, até o medo de perder a saúde e o *status* social. A passagem Idade Média- Idade Moderna foi marcada por um horror de uma nova e crescente era de incertezas. (BAUMAN, 1987/2011).

Antes, para combater o perigo e defender a própria segurança os indivíduos se cercavam de camadas sucessivas de relações humanas. As comunidades eram perpetuadas e reproduzidas pela observação recíproca, uma espécie de transparência que sofreu pressões até ser irre recuperavelmente despedaçado (BAUMAN, 1987/2011).

Com a explosão demográfica, a reorganização da propriedade rural e a ineficiência da tecnologia agrícola, surgiram inúmeras pessoas socialmente sem tetos, homens livres, considerados perigosos por não fazerem parte de qualquer lugar e viverem além do alcance dos métodos existentes de controle e regulação social (na época, obediência em troca de subsistência). Estes homens passam a receber os estereótipos de violentos, bêbados e ameaçadores, devido ao fato de que, sem pertencer a certa comunidade, esses indivíduos não tinham mestres e não permaneciam à vista do outro, portanto não podiam ser controlados (BAUMAN, 1991/1999).

Assim, tornou-se necessário um desencadeamento de iniciativas legais que transformaram de forma radical o papel do estado na reprodução da sociedade (BAUMAN, 1987/2011). O Poder Disciplinar, a vigilância, deixa de ser invisível e passa a ser um problema a ser cuidado, projetado, organizado, gerenciado e acompanhado de modo consciente, por um novo agente: pelo Estado.

Como autoridade suprema, o Estado tenta restaurar a visibilidade desses homens perigosos para que assim, possa torná-los novamente suscetíveis à vigilância ou ao menos neutralizá-los. Este projeto de vigilância necessitava mais que *experts* em coerção, necessitava de um especialista na posição de supervisão, do papel do educador: o

⁵ Atualmente, além do poder do conhecimento, o poder sobre os meios de produção e sobre o acesso aos meios de consumo, configuram os tipos de dominação existentes.

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

especialista em fazer seres humanos chegarem à perfeição exigida pela ordem social de forma adequada, que foi renomeada de “bem comum”. A educação passa a ser constituinte irremovível do poder, pois este necessita do saber que pode lhe emprestar legitimidade e eficácia (BAUMAN, 1987/2011).

A secularização das técnicas proselitistas e pastorais, antes já experimentadas pela igreja, passam a estar a serviço do Estado, com objetivos mais ambiciosos e abrangentes (BAUMAN, 1987/2011). O Estado,

entrou numa guerra contra todas as formas de vida que pudessem ser vistas como bolsões potenciais de resistência contra seu próprio domínio. Exigia-se nada menos que a aceitação da expertise do Estado na arte de viver; tinha-se de admitir que o Estado e os especialistas que ele nomeava e legitimava sabiam o que era bom para os súditos, e como eles deviam viver suas vidas e se guardarem de agir em prejuízo de si mesmos. Aos súditos foi negada não só sua capacidade de conseguir chegar a Deus; recusou-se a eles sua capacidade de viver a vida humana sem vigilância, assistência e intervenção corretiva daqueles que tinham conhecimento de causa (BAUMAN, 1987/2011, p.76-77).

Desta forma, a Modernidade foi construída por um projeto de jardinagem. Marcada pela transformação de culturas selvagens a culturas jardins. Na era pré-moderna, a figura que ganhava destaque era a dos guarda-caças, aquele que não tem qualquer intenção de transformar o território por ele habitado e que não acreditam na capacidade humana, e em sua própria, de administrar a própria vida, e por isso, uma pessoa naturalmente religiosa. A Modernidade, por sua vez, foi moldada segundo o papel do jardineiro, pelo poder pastoral do Estado. Jardins necessitam de atenção constante do jardineiro para que as ervas daninhas (plantas não convidadas e não autocontroladas) não tomem conta. Para que tal transformação ocorresse, primeiramente os guarda-caças tinham de revelar sua ineficiência e produzir preocupações que eles não estavam preparados para controlar. Quando a cultura selvagem se mostrou incapaz de sustentar seu próprio equilíbrio, tornou-se necessário que um legislador desenhasse o projeto, o contrato social a partir do qual o problema da ordem social pudesse ser encarado (BAUMAN, 1987/2011).

A metáfora para a estratégia moderna do trabalho intelectual é este legislador. Seu papel se baseia em duas frentes: a) em afirmações autorizadas e autoritárias que arbitrem controvérsias de opiniões e escolham aquelas que se tornem corretas e associativas e, b) na autoridade legitimada pelo conhecimento objetivo pelo qual se tem acesso graças a regras de procedimentos que garante que seus resultados sejam verdadeiros, que se chegue a um juízo moral válido e a um gosto artístico apropriado (BAUMAN, 1987/2011). Desta forma, o papel do legislador faz dos intelectuais proprietários coletivos de um saber de relevância direta e crucial para a manutenção e aperfeiçoamento da ordem social.

Para justificar a necessidade de jardineiros, o Estado utiliza-se de um processo de desvalorização, antes iniciado pela Reforma e Contrarreforma, dos pobres (considerados selvagens a serem domesticados) aos seus próprios olhos. Sentindo-se imperfeitos e incompletos e animais, os integrantes das classes populares passaram a crer na necessidade de administradores, cientistas sociais e professores especializados em converter e cultivar almas e corpos humanos. Esse processo de desarmamento e

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

**MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS
SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹**

desapropriação cultural deixou o homem como apenas como um exemplar da espécie humana, que tem a infinita capacidade de ser influenciado, moldado e aperfeiçoado. Esse homem ficou nu e seu novo traje foi selecionado cuidadosamente e elaborado com prescrições da Razão, pois os indivíduos por si mesmos eram considerados incapazes de realizar as escolhas avaliadas como certas (BAUMAN, 1987/2011). Nesse contexto, a figura do especialista ganha ainda mais força, pois:

Na esteira da cruzada cultural, as pessoas de fato se viram nuas e desamparadas, sem habilidades e apoio comunal para enfrentar o desafio da vida e reproduzir as condições de sua própria sobrevivência. Esse vazio criado de modo artificial precisava ser preenchido; os desamparados precisavam de um líder, os cegos necessitavam de guias (BAUMAN, 1987/2011, p.101).

Esta crise cultural foi gerenciada a partir da educação, que aparece como uma tentativa desesperada de regulamentar o desregulamentado e torna-se um imperativo. Como um projeto de fazer da formação do ser humano uma responsabilidade plena e exclusiva da sociedade, a educação encontra seu lugar na Modernidade. Esclarecimento era algo que o Estado necessitava. O povo, visto como uma força descontrolada e germe de rebelião, não precisava ser esclarecido, mas sim educado, disciplinado. Com a gradual desaparecimento das culturas selvagens e a compreensão paralela de culturas jardins a sociedade descobre a cultura e, através dela, o Estado passa a civilizar, a engajar-se num esforço vigoroso para transformar ser humano por meio da educação e da instrução (BAUMAN, 1987/2011).

O próprio movimento Iluminista, auge da razão Moderna, diferentemente do modo como se conhece, explica Bauman (1987/2011), tinha por ímpeto legislar, organizar e regulamentar e não de disseminar conhecimento. Este movimento foi um exercício composto por duas partes (distintas, mas complementares): 1) extensão dos poderes e ambições do Estado e, 2) a criação de um mecanismo social de ação disciplinar e inteiramente novo, desenhado de modo consciente, voltado para a regulamentação e regularização da vida social (BAUMAN, 1987/2011).

A expressão mais notória dessa relação entre ordem social (considerada produto humano e manipulável), ideia de cultura jardim e natureza (cultura selvagem), deu-se com a oposição entre paixão e razão. A primeira, vista como natural do homem e, a segunda, derivada do conhecimento. Esta oposição tem implícita uma teoria de sociedade: raízes naturais e individuais dos fenômenos antissociais versus mecanismo social organizado e hierarquizado da ordem social. Representa a diferença entre uma ordem socialmente projetada e o estado não processado, selvagem do ser humano. Abrange ainda uma diferenciação de classe entre dois tipos de sujeito e não entre dois lados de uma mesma natureza (BAUMAN 1987).

Vista dessa forma, a civilização, explica Bauman (1987), foi uma jogada coletiva dos homens de ciência e de letras a favor de um *status* estrategicamente importante no mecanismo de reprodução da ordem social. Para isso, devia-se subjugar à tradição. Tinha-se de criar valores e normas que pudessem ser demonstrados, acima de toda e qualquer tradição local. Esta devia se tornar retrógrada, bárbara ou supersticiosa. O projeto civilizador queria instalar uma forma de vida superior a qualquer outra conhecida ou

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

imaginada e por isso, como gerente para sua realização, tinha o conhecimento voltado para administração de corpos e mentes individuais. Enquanto a aliança entre o poder e conhecimento permanecesse intacta, não existiriam razões para ceticismo em relação ao projeto civilizador (BAUMAN, 1987/2011).

Assim, a Modernidade foi construída: o mundo segundo sua visão era uma totalidade em essência ordenada que possibilitaria a predição e controle, por meio da manipulação das probabilidades. Dentre as tarefas impossíveis da Modernidade se sobressai a da ordem. Esta deveria se destinar a restringir o que parecia onipresente e tornou-se uma questão de poder e, o poder, por sua vez, uma questão de vontade, força e cálculo. O esforço para exterminar a ambivalência, para definir com precisão se traduz na prática, política e intelecto moderno (BAUMAN, 1991/1999).

A guerra contra o caos se transformou em inúmeras guerras locais pela ordem. Esta é a maior realização da Modernidade e fonte primária de sua força: a fragmentação, afinal um mundo dividido é um mundo governável. A partir disso, todo esforço científico tem sido dirigido de modo a explicar o todo como soma de partes. A grandiosa visão de ordem transformou-se em pequenos problemas solucionáveis, mas esta fragmentação faz das resoluções dos problemas tarefas de Sísifo⁶ e a incapacita como instrumento ordenador (BAUMAN, 1991/1999).

O sonho da razão legislativa pregada pelos filósofos da época mais as práticas demasiadamente materiais do Estado definem a Era Moderna. Entretanto, garantir a supremacia para uma ordem projetada, artificial é uma tarefa dual: requer a unidade e integridade do reino e a segurança das fronteiras. Implica em separar, classificar, lutar contra inimigos, expurgar a ambivalência. Para isso, segundo Bauman (1991/1999), deve-se passar pela domesticação final das forças naturais, caóticas, pela execução sistemática, se necessário impiedosa, de um plano racional e cientificamente concebido. Deste modo, a esperança de que o mundo moderno, administrado racionalmente e baseado na ciência, gerasse padrões de organização cultural/social se desfez à medida que se acumularam os desencantos.

Desencantos, pois o fim do projeto legislativo representou a morte das principais utopias que ofereceram à Modernidade a autoconfiança necessária para chegar aonde chegou e produzir o que produziu. Numa tentativa de eliminar completamente a sensação de insegurança que estar a mercê do destino causava em seus membros, a Modernidade criou um projeto de jardinagem que ofereceria ordem e controle, através da manipulação e da educação da população em busca da perfeição do sistema. Com a morte de Deus, o ser humano passa a ser o jardineiro supremo responsável pela administração do jardim e pela beleza que ele continha. Para manter o jardim sempre belo, ervas daninhas tiveram de ser eliminadas e reclassificadas como elementos inferiores que não mereciam a perfeição tão almejada (BAUMAN, 1991/1999; BAUMAN, 2004).

Os casos mais extremos de engenharia social da história moderna, como o Holocausto, foram produtos legítimos do espírito da época, da ânsia em apressar o progresso da humanidade, de alcançar a perfeição. Foi resultado da crença que os problemas sociais poderiam ser finalmente resolvidos (BAUMAN, 1987/2011). O Iluminismo veio a responder aos sonhos e anseios dos visionários políticos do Leste europeu e, a

⁶ Sísifo (personagem da mitologia grega) foi condenado a repetir uma tarefa pela eternidade: empurrar uma pedra até o topo de uma montanha e vê-la cair, sendo necessário que ele volte a empurrá-la novamente.

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

sociedade, entendida pelos intelectuais e classes instruídas como uma matéria bruta e flexível, incapaz de melhorar sozinha, fez com que o dever se sobrepusesse ao ser.

A visão do começo absoluto da sociedade justificou qualquer atrocidade. Aliada ao sentimento de atraso histórico e ao palco político esvaziado, os seres humanos perderam seus direitos como sujeitos morais e transformaram-se em tijolos com os quais a nova ordem social deveria ser construída, ou no entulho que deveria ser removido para dar espaço à construção (BAUMAN, 1987/2011).

A ciência Moderna nasceu dessa ambição de conquistar a natureza e subordiná-las às necessidades humanas e nunca foi isenta da visão de controle e administração, ao contrário, ambições normativas, planificadoras são inerentes a todo empreendimento científico e pode se prestar facilmente às idealizações políticas (BAUMAN, 1991/1999). Assim, a era Moderna fez uma ruptura com o fim trágico do ser humano, respaldada pelo avanço científico, criou a ilusão, sobre a qual formou seus pilares, do fim do sofrimento e de felicidade duradoura. A razão poderia reinar sobre o mundo e criar condições para a paz, equidade e justiça (LIPOVETSKY, 2011; BAUMAN, 1991/1999). As ambições do projeto de jardinagem, de uma sociedade limpa e harmoniosa, guiada por preceitos racionais, permaneceu como o aspecto mais saliente do espírito coletivo da Modernidade. A combinação da crescente potência de meios aliadas com a irrefreável determinação de usá-la para uma ordem artificial planejada que forneceu a humanidade um toque moderno de crueldade, tornou possível e (talvez) inevitáveis, o Gulag, Auschwitz e Hiroshima. Após estes fatos históricos, o ideal de grande jardim mundial dividiu-se em inúmeros jardinzinhos, com suas próprias ordenações. Não há mais lugar para um jardineiro supremo (BAUMAN, 1991/1999). A Modernidade não conseguiu alcançar os ideais das luzes e ao mesmo tempo deu espaço para um empreendimento de verdadeira subjugação, burocrática e disciplinar, ao invés da libertação tão almejada pelos ideais iluministas (LIPOVETSKY, 2011; BAUMAN; 1991/1999).

Surge então, a crise da Modernidade, no momento em que se percebeu que o extraordinário desenvolvimento da ciência, da técnica, da economia e do capitalismo que mostram uma surpreendente capacidade de invenção, também revelam surpreendentes habilidades de manipulação e destruição (MORIN, 2011). A ambivalência fundamental que tanto a Modernidade tentou eliminar, se revela como sua constituinte fundamental (BAUMAN, 1987/2011; MORIN, 2011). A ciência, baseada na racionalidade, se instala com essa ambivalência, pois ao mesmo tempo em que produziu, revolucionou conhecimentos e possibilitou melhoras nas condições de existência, simultaneamente, desenvolveu capacidades gigantescas de morte (MORIN, 2011). Sobre esta nova forma de compreensão do mundo que sucede a Modernidade explica-se no próximo tópico.

2. A LIQUEFAÇÃO DA MODERNIDADE: SOBRE A SEDUÇÃO E EFEMERIDADE DA VIDA.

O fim/crise da Modernidade se apresenta como um novo modo de dominação que substituiu a repressão pela sedução, o policiamento das relações públicas realizado por meio das autoridades pelas propagandas e a imposição de normas pela criação de necessidades. O fim da Modernidade recria duas nações: reprimidos (aqueles forçados a obedecer às normas) e seduzidos (considerados livres para satisfazer suas necessidades) e,

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

ambas as nações revivem antigos receios que a Modernidade prometeu eliminar (BAUMAN, 1987/2011; BAUMAN, 2004).

Este novo período, denominado líquido-moderno, carece profundamente das crenças modernas de fundações objetivas, absolutas e validades universais. A mais pungente das experiências líquido-modernas é a falta de autoconfiança, explica Bauman (1987/2011). Deste modo, este tipo de vida tenta se conciliar com as incertezas permanentes e incuráveis e, é incapaz de provar que suas condições se baseiam em algo mais sólido e vinculante que as suas próprias convenções historicamente conformadas.

Essa crise de confiança líquido-moderna, assim como a autoconfiança na superioridade da Modernidade, reflete uma construção intelectual, pois revela uma transformação do papel exercido pelos intelectuais para a formação da sociedade. Bauman (1987/2011) alerta que, o que aparentemente pode ser chamado de crise de civilização, é uma crise de um papel particular, do papel de legislador e, reflete a experiência coletiva daqueles que articulam a autoidentidade de seus tempos e sociedades. Os intelectuais foram privados das funções e qualificações que aprenderam a ver como suas (BAUMAN, 1987/2011). A esperança de que o mundo Moderno, utilizando-se de uma administração racional, criasse padrões de organização cultural perdeu-se na medida em que se acumularam desencantos, pois nenhum dos padrões produzidos correspondeu às expectativas nascidas das práticas intelectuais.

O mundo contemporâneo se mostra impróprio para os intelectuais como legisladores e o Estado, diante da falência desta autoridade, encontrou modos melhores, mais eficientes de se reproduzir e impor seu poder. Novamente o sentimento de medo aparece como característica principal deste novo tempo. O capital do medo, agora é o que fornece autoridade ao Estado. Afinal, uma vez investido sobre a sociedade, o medo adquire um ímpeto e uma lógica própria que precisa de nenhum cuidado para se alastrar (BAUMAN, 2004).

Esse divórcio entre poder (pelo conhecimento) e política resultou no encorajamento para que os órgãos do Estado abandonassem ou transferissem um volume crescente de funções que antes eram só suas (BAUMAN, 2007). Deixadas de lado pelo Estado, estas funções, nos termos de Bauman (2007), se tornam um *playground* para as forças do mercado e/ou são deixadas aos cuidados individuais dos sujeitos.

Nessas condições, com este sentimento de que o mundo Moderno enfrenta uma situação sem boas escolhas, restam apenas duas formas de escapar ao colapso eminente: a) pela ditadura sobre as necessidades (como as que ocorrem em sistemas do tipo soviético) ou b) através da sociedade do consumo, que liberou todos os desejos humanos e não deixou espaço para o papel limitador dos valores (BAUMAN, 1987/2011).

Tanto a alternativa A quanto a alternativa B, requerem que os intelectuais sejam liquidados como classe e expropriados de sua função compartilhada de gerar e promover valores do Estado, que por sua vez, passa a substituir valores por técnicas de coerção e manipulação. Na sociedade de consumo, os valores ainda são transformados em atributos de mercadorias e assim, tornados irrelevantes (BAUMAN, 1987/2011).

O mercado passa a distinguir entre o verdadeiro e o falso, entre o bom e o ruim, decide o que é belo e o que é feio. Utilizando de técnicas de obsolescência programada, ou seja, se comprometendo a inovar e nada mudar na ordem fundamental, o mercado gera a dependência de seus consumidores. Assim como todo mundo, os intelectuais perderam seu

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

**MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS
SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹**

espaço neste contexto de cultura do consumo por não conseguirem manter controle sobre as forças do mercado (BAUMAN, 1987/2011). Deste modo, a sensação de perigo que cerceava a Modernidade cresceu ainda mais, pois a esperança em uma autorreforma política sofreu uma rápida e profunda queda (LASCH, 1986).

Nesta nova sociedade que emerge, todos são potencialmente seduzíveis e os que se mostram impróprios às táticas de sedução (os novos pobres⁷), devem ser disciplinados pela ação combinada de repressão, policiamento, autoridade e regulamentação normativa. Repressão e sedução caminham juntas, nessa cultura de consumo. Os novos pobres, os reprimidos, são um produto do mercado consumidor, do seu modo de existência e reprodução (BAUMAN, 1987/2011). Para manter a identidade de consumidores, é necessária a constituição de não consumidores como sua oposição detestável, como uma ameaça em face da qual se deve estar vigilante constantemente.

Assim, o que passa a incomodar os habitantes da era líquido-moderna não é mais a situação do mundo, mas sim o produto da reciclagem das futilidades e injustiças em desconfortos espirituais e inconstâncias emocionais que atrapalham o equilíbrio psicológico e a paz do espírito do indivíduo interessado (BAUMAN, 2009).

Além dessas ameaças, acrescentam-se os riscos de uma guerra nuclear, as advertências de catástrofes ecológicas, a lembrança do Holocausto e o possível colapso de toda a civilização que, juntos intensificam o sentimento de crise, sem mencionar a avalanche de ficção científica que aponta o apocalipse como algo próximo e as literaturas psiquiátricas sobre a produção de vítimas e estratégias de sobrevivência. Todos esses avisos constantes, reforçados pelos seus meios de vinculação midiáticos, resultam no oposto do efeito pretendido, aponta Lasch (1986). Quando o discurso societário acumula crises públicas não resolvidas, “perde-se o interesse na possibilidade de que se possa fazer alguma coisa frente a elas (LASCH, 1986, p.55)”.

Contemporaneamente, os medos estão cada vez mais ligados à ideia de apocalipse, que é ameaçado pela natureza dinâmica e não intencional da civilização técnica como tal, “mais do que aos campos de concentração e explosões atômicas feitos sob medida, que requerem propósitos grandiosos e, acima de tudo, a tomada de decisões com um propósito consciente (JONAS apud BAUMAN, 1991/1999, p.252)”.

Assim, a mentalidade contemporânea se afasta das questões públicas e passa a se preocupar com as previsíveis crises da vida cotidiana, naquelas cujas ações individuais ainda parecem ter algum impacto no percurso dos acontecimentos. Desta forma, continua Lasch (1986):

A vida do dia-a-dia passou a apresentar-se como uma sucessão de crises não necessariamente porque seja mais arriscada e competitiva do que costumava ser, mas porque coloca as pessoas diante de tensões passíveis de resolução, enquanto a esperança de prevenir o desastre público parece tão remota, para a maior parte das pessoas, que entra em seu pensamento apenas na forma de uma melancólica súplica em favor da paz e da fraternidade (p. 55).

⁷ Aqueles os quais o seu consumo não importa muito para a reprodução bem sucedida do capital.

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

Os habitantes da era líquido-moderna, explica Bauman (2004) são bombardeados pelo problema da eternidade/efemeridade, e tentam emudecer seu trágico destino (a morte/o fim) num turbilhão de prazeres frágeis e efêmeros, através do jogo pela felicidade.

Deste modo, a era contemporânea faz com que seus integrantes pratiquem a arte da vida: vivendo em um mundo em constantes transformações e que se autorredesfine, a flexibilidade tornou-se regra. Segundo Bauman (2009), nesta era líquido-moderna o ser humano é artista por decreto pintando e repintando a vida dos talvez. Os horrores da Modernidade fizeram com que seus integrantes lutassem para anular o passado, renascer adquirir um eu diferente e mais atraente. Recomeçar é uma das sedutoras ofertas que o mercado oferece. Fugir da realidade que causa sofrimento não é algo novo, explica Bauman (2009), mas a contemporaneidade remodelou esse fugir: hoje se pode fugir de si mesmo e adquirir um outro si mesmo feito por encomenda, afinal se a felicidade (como postulou a Modernidade) está ao alcance de todos, alguém que não se sente feliz, não pode ser real, se apresenta como um “eu fraudulento” e deve-se procurar pelo “verdadeiro eu”.

O consumismo necessita criar este estado de desconforto e ansiedade crônica nos habitantes da era líquido-moderna e assim o faz. Para isso, desestimula o indivíduo a acreditar em seus próprios recursos e julgamentos e, neste caso, o discernimento do que ele necessita para ser saudável e feliz (LASCH, 1986). Deste modo, os arranjos sociais contemporâneos passam a incentivar a dependência, a passividade, e a colocar o indivíduo em uma posição de espectador, tanto no seu trabalho como em momentos de lazer. Como desafio, esta nova forma social apresenta o reprocessamento e reciclagem da identidade de seus membros, afinal seus “eus” apresentam-se como fraudulentos se não se atualizam com a mesma rapidez que o sistema se regenera (BAUMAN, 2009).

Sendo o mercado o principal mecanismo de controle e reprodução social, todos os modos de relacionamentos contemporâneos estão profundamente marcados pela relação de compra e descarte. Agindo feito Don Juan, o indivíduo passa a se dedicar em manter vivo o desejo e não a sua satisfação e, para isso, ele precisa acabar constantemente e recomeçar sempre, essa é a essência da vida líquido-moderna, explica Zygmunt Bauman (2003). Viver desta forma requer a inexistência de ligações e compromissos e a negação de reparação por prazeres passados, exige a ausência de comunidade. Este homem contemporâneo ainda aprende a se avaliar face aos outros e, uma vez que será julgado em virtude de suas posses, suas roupas e sua personalidade, o indivíduo passa a adotar uma visão teatral de sua própria *performance* (LASCH, 1986).

O jovem desta sociedade ainda está sendo educado para uma vasta abundância de fantasia, explica Bauman (1987). Lasch (1986) completa ao lembrar que é enganoso caracterizar a cultura do consumo como dominada por coisas, pois o sujeito vive rodeado também por fantasias. A produção de mercadorias e o ato de consumir criam um “mundo de espelhos, de imagens insubstanciais, de ilusões cada vez mais indistinguíveis da realidade. O efeito especular faz do sujeito um objeto; [...] transforma o mundo dos objetos numa extensão ou projeção do eu (LASCH, 1986, p.22)”.

Esse colapso da vida em comunidade, afinal um conjunto de Dons Juans não forma uma comunidade (BAUMAN, 2003), empobreceu também a vida privada, explica Lasch (1986), pois ao libertar a imaginação das coações externas, a expôs mais diretamente e intensivamente à opressão das compulsões e ansiedades internas. Quando totalmente livre

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

dos controles impostos pela experiência prática do mundo, a imaginação passa a dar origem a alucinações e, o progresso do conhecimento científico, que deveria desestimular a projeção dos anseios e receios humanos frente ao mundo, deixa intactas essas alucinações, ao oferecer ao homem uma visão das possibilidades ilimitadas da tecnologia. Esse progresso científico agravou o sentido de irrealidade, ao oferecer ao homem o poder de realizar os seus voos mais selvagens de fantasias, explica Lasch (1986) e, removeu a última pedra no caminho que impedia a realidade de se encontrar com os sonhos (ou pesadelos!).

A dependência do indivíduo diante dos bens e serviços oferecidos externamente, recria alguns dos sentimentos infantis de desproteção. O ser humano passa a conhecer o mundo através das imagens e símbolos insubstanciais que parecem referir-se mais à sua vida psíquica interior, que é experimentada como reflexos vislumbrados de um espelho do meio circundante, do que a realidade palpável, durável (LASCH, 1967). Entendendo deste modo, os indivíduos líquido-modernos caracterizados como narcisistas, individualistas, consumistas (LIPOVETSKY, 2007; BAUMAN, 2004) e hedonistas (MORIN, 2011; LIPOVETSKY, 2007) que sofrem da doença contemporânea de impotência e inadequação (BAUMAN, 2007), que geram os profundos sentimentos de desamparo, para Lasch (1986), são sobreviventes. Eles encontraram na cultura do narcisismo um meio de manter um equilíbrio emocional mínimo necessário para a sobrevivência. Dito de outro modo, a preocupação do indivíduo consigo mesmo, característica fundante da Modernidade-líquida, assume a forma de preocupação com a sobrevivência psíquica, uma tentativa última de evitar a completa morte emocional.

Formas extremas de vida exigem soluções extremas. Assim a apatia seletiva, o descompromisso emocional frente aos outros, a determinação de viver um dia de cada vez, a restrição das perspectivas às condições de sobrevivência, a individualidade multiforme a auto-observação e, a anestesia emocional são as características que a vida humana precisa assumir para continuar enquanto vida. O indivíduo contemporâneo tem de escolher entre a utopia de uma vida boa e a vida meramente (LASCH, 1986). O homem líquido-moderno tem de se armar contra as investidas da vida cotidiana e não mais contra o apocalipse. A violência e as guerras travadas na Modernidade que construíram e destruíram as utopias sociais revelaram as crueldades racionais que não podem ser esquecidas ou eliminadas se o indivíduo líquido-moderno procurar algo mais que a mera sobrevivência.

Por fim, a era líquido-moderna é um período de desencantos, caracterizada principalmente pela rápida expansão do consumo e da comunicação em massa, pelo enfraquecimento das normas autoritárias e disciplinares, pelo surto de individualização e a consagração do hedonismo, pela perda da fé no futuro revolucionário e pelo descontentamento com as paixões políticas e as militâncias (LIPOVETSKY, 2007; MORIN, 2011; BAUMAN, 2011). Nestas condições, o ser humano passa a ver o mundo como um espelho e nele projeta seus próprios medos e desejos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de racionalização, marca básica e suprema da Modernidade, trouxe consigo a divisão extrema dos espaços de autoridade e, devido à disponibilidade da

Larissa Schelbauer
Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

tecnologia racional, fez com que existisse uma medida constantemente crescente de autonomia em relação ao sistema, tendo por único vínculo entre essas duas características o mercado, que, por este motivo, se torna indispensável para a reprodução social e está fadado a produzir uma quantidade cada vez maior de lixo racional. Vale acrescentar que, devido a essas mudanças no sistema social, acrescidas pela perda da autoconfiança e da desesperança num projeto racional científico, a época contemporânea não pode mais ser descrita como Moderna, pois o ser humano contemporâneo se apresenta com características opostas ao Moderno (BAUMAN, 1987/2011).

O homem puritano, termo de Weber utilizado por Bauman (1987/2011) para descrever o homem Moderno, aquele laboriosamente construído a partir de escritos cuidadosamente selecionados com base em um plano fornecido pela Modernidade como um lugar de razão e racionalidade, portanto um homem autocontrolado, passou a mostrar seus aspectos mais corrosivos. Da vida virtuosa, de sua credulidade e ingenuidade e, de sua submissão à orientação dos outros, o homem puritano passa a possuir uma espécie de obsessão consigo próprio. O fim da Modernidade representa a substituição desta cultura puritana por uma cultura exatamente oposta.

A cultura puritana era composta por cidadãos naturalizados de um mundo a ser construído pelos intelectuais, representava uma sociedade guiada pela razão em prol da ordem e em busca da perfeição. Para isso, o puritano precisava aceitar a coação, reprimir seus impulsos emocionais e subordiná-los aos preceitos da racionalidade, para adquirir o autoaperfeiçoamento. A sociedade puritana era marcada pelo conflito entre a sociedade e os desejos individuais e como produto deste, tinham-se as inúmeras proibições. A morte deste puritano simboliza o sentimento de que todas as esperanças que a Modernidade trouxe consigo, foram destruídas durante seu percurso (BAUMAN, 1987/2011).

Em seu lugar surge uma cultura antimoralista, com comandos frouxos para que seja possível negligenciar as normas. Uma cultura que aprendeu a duvidar de todos os valores herdados e a negar a superioridade de toda e qualquer organização e personalidade. Uma revolução cultural permanente caracteriza o Estado dessa nova forma cultural e, embora não se possa deduzir aparentemente, esta nova cultura é por força tão normativa quanto à cultura puritana, pois aprova espontaneidade, intimidade, libertação hedonista e abertura emocional e desaprova autoridade e controle e qualquer postura de reprovação (BAUMAN, 1987/2011).

O preço da Modernidade foi pago com a alta incidência de doenças psicóticas e neuróticas. A civilização criou seu próprio mal-estar. Inúmeros significados foram perdidos e a busca frenética de objetos a serem futilmente apropriados tenta substituir essa perda. Em âmbito moral esta nova forma cultural, explica Bauman (1987/2011) representa o perdão dos pecados da Modernidade, em âmbito institucional, simboliza a libertação de todos os controles, sendo assim, todas as bases objetivas de culpa são eliminadas e, como única responsabilidade do indivíduo se apresenta o dever de ser bem sucedido na escolha de seus prazeres.

Dentre as lições que a Modernidade deixou, o Holocausto ensinou a humanidade a duvidar da sabedoria pretensiosa dos cientistas ao dizerem o que é bom ou mau, a duvidar da capacidade da ciência como autoridade moral. Para que o genocídio fosse possível o indivíduo teve de ser reduzido a uma cifra, ser quantificado. A prática científica moderna, através da especialização, requereu que o outro, a outra pessoa desaparecesse de vista,

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹

pois assim se tornaria menos significante. Organizados em uma estrutura hierárquica e burocrática, os cientistas agiram como intermediários desse plano de reestruturação social. Eles não percebiam as consequências últimas de seus atos, eliminando de suas ações toda a personalidade, juntamente com a responsabilidade pessoal (BAUMAN, 1991/1999).

Através da sedução e do consumo, a era contemporânea oferece aos indivíduos a possibilidade de esquecer os erros passados e também, a possibilidade do indivíduo construir, preservar, elaborar e renovar individualidades, suas histórias, a possibilidade de renascer das cinzas, como a Fênix. Entretanto, assim como à ação de um ciclista que se parar de pedalar cai, o indivíduo contemporâneo continua pedalando apenas para poder manter-se em pé. Ele se esforça para poder manter-se na corrida e, não mais para chegar a algum lugar (BAUMAN, 2009). Enquanto deixado seduzir, o indivíduo não tem de se reaver com seus medos e ansiedades mais íntimos, nem com os horrores passados e nem com a visão apocalíptica do futuro. Esta é uma vida precária, mas é a melhor forma que o homem contemporâneo encontrou para não sucumbir a total morte emocional. Centrar-se apenas no presente, explica Lasch (1986), serve não somente como um pré-requisito para um funcionamento eficiente, mas também como um modo de evitar a derrota. A vida do sobrevivente consiste em atos e eventos isolados, pois deve refletir a fragmentação do “eu”.

A figura do jardineiro, aquele que se preocupa em organizar e limpar seu território, aos poucos vem sendo substituída pela dos caçadores, (àqueles que não se importam com o equilíbrio das coisas, seja ele natural ou planejado, mas somente com o que acham que deve ser feito), que ao renegar suas responsabilidades sobre seus atos, deixam de assumir a condição de sujeito moral, negam o próprio significado da vida e perdem a luta para manterem-se humanos. Caçadores são sobreviventes, pois lutam apenas para manter-se vivos. Para isso, necessitam voltar-se para si mesmos, cuidar apenas de si mesmos: o individualismo exarcebado desta era pode ser entendido como uma estratégia que mantém a integridade mínima psíquica necessária para sobreviver.

Vive-se em uma cultura que acha o silêncio insuportável e trata de preenchê-lo com todos os tipos de ruídos possíveis. Não é possível apagar os erros passados, mas não é adequado ignorar o futuro e sobreviver por sobreviver. Assim Zygmunt Bauman sugere que os detentores de conhecimento científico que atuaram como legisladores na época Moderna assumam um novo papel, os de intérpretes. Ao invés de dizer à população o que é correto, deve-se passar a entender os vários pontos de vista, passar a falar com as pessoas ao invés puni-las, rotulá-las e estigmatizá-las. A arte da conversação é algo que o mundo necessita com premência. Não restam muitas opções, explica Zygmunt Bauman (1987/2011) pode-se conversar ou deixar-se sucumbir.

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

**MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS
SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *A Vida Líquida*. São Paulo: Zahar, 2004.

_____, Zygmunt. *A Arte da Vida*. São Paulo: Zahar, 2009.

_____, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no Mundo Atual*. São Paulo: Zahar, 2003.

_____, Zygmunt. *Legisladores e Intérpretes (1987)*. São Paulo: Zahar, 2011.

_____, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência (1991)*. São Paulo: Zahar, 1999.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 9ªed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LASCH, Christopher. *O Mínimo Eu- Sobrevivência Psíquica em Tempos Difíceis*. Brasiliense: 1986.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

_____, Gilles. *A Sociedade da Decepção*. Entrevista oferecida a Bertrand Richard. Manole: São Paulo, 2007.

MORIN, Edgar. *Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 1972.

SCOTT, John. *50 Grandes sociólogos contemporâneos*. São Paulo: Contexto, 2009.

Larissa Schelbauer

Matheus de Freitas Brandão

**MODERNIDADE E RACIONALIDADE: SOBRE A CRIAÇÃO DOS MAL-ESTARES LÍQUIDOS MODERNOS
SEGUNDO ZYGMUNT BAUMAN¹**

**MODERNITY AND RATIONALITY: THE CREATION OF LIQUID-MODERN MALAISE
ACCORDING TO ZYGMUNT BAUMAN**

ABSTRACT

Modernity was a rational construction that wanted to eliminate the fear caused by the uncertainties and to create a perfect world based on order and objectivity. With the alliance between politics and knowledge the Modernity produced its wonders as also its horrors, explains Zygmunt Bauman. By reading the works of this author, this work shows the Modern characteristics that helped in construction of a liquid-modern society and its own malaise. This article also reveals a new way to understand the contemporary

KEY WORDS Modernity, Rationality, Legislators, Survivors.

Recebido em 15 de maio de 2013; aprovado em 02 de dezembro de 2013.